

Tororó perde até linha de coletivo

Fonte de inspiração para compositores de música, localizado na parte alta da margem do dique do mesmo nome, o bairro do Tororó, um local tranquilo e aprazível nos dias úteis, perde literalmente a calma nos fins de semana devido aos ensaios de diversas entidades carnavalescas. Saudosos do tempo de transporte fácil através do bonde, os moradores reclamam maiores atenções dos poderes públicos. O Tororó não tem mais linha de ônibus, o que obriga a população a longas caminhadas para ter acesso ao transporte. Página 9.



Marco Aurélio Martins

Dique do Tororó, uma fonte de beleza esquecida em pleno centro da cidade

Tororó, bairro da calma e do barulho

Antigo, pequeno, esquecido, repleto de blocos carnavalescos, a despeito do repúdio dos moradores, e local de uma das lavagens mais populares de Salvador. Assim é o bairro do Tororó localizado próximo ao Campo da Pólvora e no alto do Dique do mesmo nome. A maioria dos seus habitantes reside no local há muitos anos e traz vivas na memória as lembranças de um deslizamento de terra, que atingiu mais de 50 moradias e matou uma pessoa. Patrícia Ramos, 46 anos, todos vividos no Bairro do Tororó, não deixa de ser saudosista e esperançosa de que o local venha a ser atendido pela Secretaria de Transportes. "Antigamente aqui tinha bonde e ônibus, mas agora, já faz uns 10 anos, temos que andar a pé".

O jeito encontrado por Patrícia e por diversos moradores do Tororó foi de caminhar por escadarias enormes até o Dique ou até a Avenida Joana Angélica. "Dizem que as empresas têm prejuízos em colocar ônibus aqui", acrescentou Patrícia, lembrando que "há uns cinco meses até abaixo-assinado a gente fez, ainda sem resultado". Morando na travessa Elói Guimarães (que também tem placas informativas que dizem ser o local chamado Travessa Rosana Santana), Roberto Silva também não esqueceu do deslizamento de terra. "Até porque perdi duas casas", justificou informando que mora no bairro há 30 anos e que depois do incidente — ele não soube precisar o ano, mas acredita que tenha ocorrido há mais de 10 anos — o local sofreu várias mudanças.

ABANDONADO

"Aqui do lado do parque de diversões e da Sede do Clube Carnavalesco Apaches do Tororó, após o desastre, foram retiradas todas as casas, uma grande área foi aterrada e depois construída a avenida", lembra Roberto, que já se acostumou a subir ladeiras "tranquilamente". Apesar da calma, alguns moradores citam que ela é quebrada, nos fins de semana, com as festas dos Apaches ou do Bar Ogum, localizado na Rua do Amparo. "Aos domingos tem show de música ao vivo e é a maior festa", comenta Rosalvo Guimarães.

Marcado por residências antigas, algumas até mesmo desabando e abandonadas, o bairro do Tororó é local de ensaios de vários blocos carnavalescos, como Panela Vazia, Secos e Molhados e Periquitos, mais o dos Apaches, com sede própria construída ao lado do parque de diversões.

Felipe de Jesus, 50 anos, trabalha há 33 anos como remador de saveiros que fazem a travessia do Dique de um lado a outro. Cobrando Cz\$ 50,00 por viagem, Felipe conta que o local já sofreu várias mudanças, que implicaram diminuição de passageiros. Auxiliado por Ivan de Almeida e Roberto Medeiros, esse diz ser um apaixonado pelo Dique do Tororó. "Esse local é muito bonito e perigoso. Aqui tem margens com mais de cinco metros de profundidade e já abrigou o Clube de Regatas. Também já foi muito procurado por turistas que passeavam pelo dique de pedálinhos. Agora, está abandonado", concluiu.